

27 DE NOVEMBRO DE 1968

Brig do Ar DEOCLÉCIO LIMA DE SIQUEIRA
(Oração pronunciada em 27 Nov 68, na Praça
Gen Tibúrcio, em homenagem às vítimas do
comunismo)

Todos os anos, a 27 de novembro, temos vindo postar-nos junto ao túmulo dos companheiros sacrificados neste dia, em 1935, para lhes prestar nossas homenagens. Feliz idéia tiveram os guardiões deste mausoléu ao trasladá-lo do Campo Santo, onde se encontrava, para esta praça, local onde a maioria dos que hoje reverenciam caíram para sempre. Este pedaço de chão do nosso Brasil é sítio mais adequado para o repouso eterno desses Brasileiros, porque aqui, próximos daqueles que se imortalizaram em Dourados e na Retirada da Laguna, e em cenário à altura da grandeza de suas mortes, estão mais próximos do povo a que pertenciam e pertencem.

Neste dia, a par do tributo da nossa admiração e do nosso reconhecimento, procuramos também revigorar energias pela recordação da vida de companheiros que souberam viver e morrer. Nestes instantes, a nossa alma se expande em meditações envolvidas pelos mais puros sentimentos. É momento de verdade, de sinceridade, de franqueza. Não nos preocupam as limitações da vida, porque estamos diante do infinito da morte. É hora de confidências muito caras.

Nesta homenagem, interpreto os sentimentos de todos os camaradas das Forças Armadas do Brasil que

aqui vêm, como têm vindo, para dizer antes de tudo, que o sacrifício não foi em vão, e não o foi porque tem inspirado as gerações que se sucederam com a sua grandeza de ter sido em defesa de algo.

Sim, vocês não morreram agredindo, vocês morreram defendendo. Vocês morreram para defender o direito de nosso povo continuar a ser bom, leal, compreensivo, justo e magnânimo. Vocês morreram para defender o direito de este País continuar sendo livre e hospitaleiro, sem preconceito e sem ódios. Vocês morreram para defender o direito de todos viverem, inclusive daqueles que lhes tiraram esse direito. Vocês morreram para defender o direito de o amor existir nesta Terra. Vocês morreram para defender o direito de um grande País sobreviver. Vocês morreram nas primeiras linhas de defesa das forças espirituais, em luta contra as ambições do materialismo. Vocês morreram em postos avançados da proteção do primado do indivíduo sobre o totalitarismo desumano.

Sim, o sacrifício de vocês não foi em vão, porque a grande resistência continuou. Em 35, contra o comunismo; em 42, contra o nazismo. Cada uma dessas arremetidas sempre encontrou as forças representativas da alma brasileira revigoradas pelo exemplo dos que tomba-

ram, e, tombando, mostravam ao mundo que esta Terra não deseja, não quer e não admite a presença do ódio e da intolerância.

E, assim, chegamos a 1964, quando nova investida se processava contra as mais caras convicções dos Brasileiros. Desta feita, métodos diferentes foram tentados na ação correspondente. O exemplo do passado fôra bastante convincente. A determinação com que a nossa gente reagira contra a violência do comunismo e do nazismo demonstrara, de maneira clara e inconfundível, que outro caminho deveria ser experimentado para dobrar o povo brasileiro, cuja história mostra nunca se ter curvado diante da força. E, então, processos outros foram empregados nesse novo assalto que, à semelhança do de 35, também visava à substituição das forças do espírito, tão presentes em nosso modo de viver, pela frieza do materialismo calculista que conduz, a pretexto de soluções imediatas, ao esmagamento completo do indivíduo, em benefício do absolutismo do Estado.

Pior do que a violência, a nova maneira de agir, por ser mais insidiosa, trazia um perigo muito maior: o coração nobre e generoso do nosso povo seria mais vulnerável à nova tática. Assim, vimos nascer neste País a corrupção que avassala, os privilégios que solapam, a demagogia que engana, a inflação que favorece, a inversão de valores que desmoraliza, a indisciplina que enfraquece e a subversão que destrói. Era a técnica destrutiva na sua plenitude de ação. Com ela, primeiramente seriam quebradas as resistências morais, depois destruídas as

mais caras conquistas que o passado nos legou e, então, mortos os sentimentos que fazem a grandeza deste povo, deveria surgir a nova ordem que promete muito pouco em troca do muito que pede. A insídia esquaceceu-se, porém, de que entre as qualidades do nosso povo está a inteligência, e esta deu-lhe visão para reagir contra mais essa investida.

Mas, essa luta, que nos seus fundamentos é um choque entre as forças do espírito e as do materialismo, continua, sem fronteiras definidas, nem limite de tempo para findar. Ora se configura em campos delimitados; ora se infiltra pelas nossas próprias fileiras.

As Forças Armadas Brasileiras, parcelas do nosso povo, compreendem muito bem a magnitude dessa luta, na qual o que mais importa não é propriamente a força do adversário, mas, sim, as nossas próprias fraquezas. Podemos sentir as investidas que, vez por outra, são tentadas para romper nossas defesas, rompendo nossa união.

Felizmente, nossa resistência não será quebrada, porque dentro das Forças Armadas existe a consciência do perigo e, entre essas e o nosso povo, nunca se abrirá uma brecha, porque elas também são povo, com a mesma alma, com o mesmo espírito de lealdade, de compreensão, de magnanimidade, de justiça e de tolerância. Seus sentimentos inspiram-se nas mensagens legadas pelos nossos patronos: —

TAMANDARÉ, leal até a morte, modesto por toda a vida, inexcedível na sua magnanimidade, ao aconselhar:

— “Se fôr injusto, seja por ter perdoado, nunca por ter castigado”.

CAXIAS, invencível nas suas conquistas, grandioso na sua ação de pacificador, insuperável na sua afirmação:

— “Não conto, como troféus, desgraças de concidadãos meus”.

SANTOS DUMONT, admirável na sua tenacidade, notável pelo seu desprendimento, inesquecível no seu idealismo, ao proclamar:

— “Nós, os fundadores da locomoção aérea, tínhamos sonhado para ela um futuroso caminho de glória pacífica”.

Em todos eles, o mais nobre dos sentimentos da nossa gente: a solidariedade humana, a testemunhar que nós, militares, nos guiamos pelo que há de mais autêntico no brasileiro e, por isto, nunca, através da História, representamos classes ou apoiamos privilégios injustos, mas, sempre, defendemos o escravo contra a escravidão, o plebeu contra os desmandos da nobreza, os párias contra as prerrogativas políticas indevidas, e todos contra a ameaça de tiranias.

Este proceder tem-se confirmado nos últimos anos, quando povo e suas forças armadas, em vigília constante contra os extremismos, têm demonstrado não desejar a importação de métodos que contrariem seus sentimentos.

Que falta para compreenderem que desejamos viver tranqüilos, que queremos trabalhar, progredir, rezar, amar, educar nossos filhos, respeitar nossos semelhantes, tolerar nossos inimigos, poder dizer aos nossos mortos o que quisermos, enfim, viver?

Que falta para compreenderem que as bombas assassinas, que ferem

indiscriminadamente, ferem a alma do nosso povo, mas não o subjagam; que as mensagens anônimas, trazendo com elas o estigma da covardia, envergonham a nossa gente, mas não a intimidam?

Que falta para compreenderem que nós compreendemos que tudo isso não é nosso?

Que falta para compreenderem que desejamos continuar a viver na Democracia e haveremos de continuar?

Que falta para compreenderem que desejamos continuar a ser Brasileiros e haveremos de continuar?

Ainda vivemos a ação que se antepôs às investidas que precederam 64. Foi um movimento essencialmente revolucionário, porque viscu a mudar um estado de coisas que punha em risco o nosso viver democrático.

Certamente, ainda há muito que fazer.

Aqui estamos com o nosso comandante supremo, o Excelentíssimo Senhor Presidente da República, que prossegue, com idealismo, na obra revolucionária. Seu espírito de tolerância, compreensão e paciência está em consonância com a alma do povo que governa e com a revolução que dirige. Em torno dele estamos unidos.

Que não se confundam, porém, os sentimentos dos Brasileiros. Que não se pense que tolerância é concordância; nem paciência, transigência; nem compreensão, submissão; porque os que hoje homenageamos também eram povo, também eram tolerantes, compreensivos e pacientes, mas preferiram morrer a concordar, transigir ou submeter-se,

— Companheiros de 35, como vêem, vocês não morreram em vão! O exemplo dado há 33 anos tem-nos guiado nessa luta incessante em defesa dos atributos espirituais da nossa gente que, com suor e sacrifícios, vem construindo uma grande Nação, conforme demonstra o Brasil de hoje, comparado com o deixado por vocês em 35.

— E tudo vem sendo feito, no meio de um mundo tumultuado pelas paixões, pelos ódios e pelo crime, sem o custo de vidas perdidas

nos paredões ou sacrificadas nas câmaras de gás; com o branco ao lado do preto, o rico ao lado do pobre, empregador ao lado do empregado, governantes ao lado dos governados, brasileiros ao lado de filhos de outras terras, religião ao lado de religião!

Por tudo isto, neste final de confidências, como última homenagem, um juramento:

— Vocês morreram para viver; nós continuaremos a viver para que vocês não morram!

“A Grande virtude do Guerreiro é confiar em sua causa, assim como a boa qualidade do apóstolo é a sua capacidade de perdão.

Em tempo de Guerra faz má figura quem pretende ser apóstolo, exatamente como a tenacidade das armas se transmuda em indesejável quando o tempo do apóstolado chega.”

MAURÍCIO DE LACERDA